

A SEMANA.

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

VOL. I.

DOMINGO 6 DE JANEIRO DE 1856.

N. 5.

PARTE LITTERARIA.

O JORNALISMO LITTERARIO.

I.

Buffon disse que o estylo era o homem : Victor Hugo, parodiando esta bella expressão, disse que a litteratura era o povo.

Com efeito : o jornalismo litterario, que é o principal vehiculo da civilisação pela litteratura, por mais lisongeiro que seja seu estado, ou por mais anuviado que seja o seu horizonte, é sempre a expressão mais legitima e conscienciosa do adiantamento e progresso de uma nação.

Forte ou fraco, brilhante ou palido, animado ou mortecor, nunca desapparece totalmente, não pôde morrer, porque tem em sua propria essencia a seiva da immortalidade, porque é o pensamento de um povo em acção, porque é o representante genuino de suas idéas e de suas inspirações, como o jornalismo politico o é de seus direitos e de seus fôros.

Se alguma epigraphe lhe fosse necessaria, elle poderia escrever em sua frente aquellas celebres palavras do grande philosopho — o dominador da escholastica — *Cogito, ergo sum : penso, logo existo.*

Em quanto a humanidade se reconhecer a si mesma, em quanto a lei providencial de seu destino for por ella comprehendida, a litteratura hâde existir e caminhar ao alvo de sua missão, porque esta é uma missão de engrandecimento intellectual, e moral; e porque a intelligencia e a moral, são os dois pharões magicos, que conduzem a todos os povos da terra por entre as trevas d'esta peregrinação constante a que chamâmos a vida.

Todos os paizes do mundo, todos os povos, todas as nações, todas as seitas, hão começado pela litteratura. Antes dos codigos houve os poemas, antes das constituições houve os canticos, cantou-se antes de legislar-se, tivemos poetas antes de reis, antes de patriarchas, e de presidentes.

Ha sido sempre pela litteratura que se tem infundido a civilisação no espirito dos homens : foi pelos canticos e psalmos que primeiro se revelou a liturgia de todas as religiões.

O desenvolvimento das faculdades, o refinamento do gosto, a apuração das harmonias melodiosas, que Deus collocou no coração da humanidade, é que ha sempre precedido, activado e preparado o desenvolvimento e a manifestação de todas as outras condições da existencia humana e social.

A educação da alma pelos sentimentos auxilia e promove mais cabalmente a educação do espirito pelas idéas. E' mesmo da ordem natural das cousas, nós sentirmos antes de pensar, cantarmos antes de reflectir.

E' sob este ponto de vista que o jornalismo litterario não serve só de ornamento a uma sociedade qualquer, é uma de suas necessidades palpitantes, um dos seus elementos indispensaveis, porque, como já o dissemos, é o principal representante de sua cultura intellectual e moral.

Entre nós, ha litteratura nacional, mas tem-nos faltado até aqui o jornalismo litterario. Temos a religião mas tem-nos faltado os sacerdotes.

Esses cantos soltos, que temos ouvido e ouvimos, quasi que todos os dias, não são sufficientes para revelar a nossa riqueza n'esse genero, a nossa superioridade n'essas liças eternas do pensamento, as unicas que ennobrecem o exercicio das forças intelectuaes do homem.

A politica, encarnando na forma jornalistica desvairou a imprensa litteraria, o jornalismo commercial, que tem predominado entre nós com um poder de autocrata, tem sido uma especie de Saturno, devorando o mais predilecto filho da imprensa.

Os litteratos foram absorvidos pelo jornalismo politico, que dispensa honras; e pelo commercial que é o Baal da nossa epocha, enquanto que o jornalismo litterario ficou orphão, e desfinhando-se á mingoa, como engeitado, que era.

O que tem d'aqui resultado ? Tem resultado que o jornalismo politico deu honras e empregos aos apostatas que lhe sacrificaram o genio e o pensamento ; mas o commercial, que ainda hoje fascina com o ouro e prata da circulação, não tem dado nem honra, nem proveito aos litteratos : o balcão jornalistico tem codilhado a pena do litterato.

E' para lastimar ver ainda muitas intelligencias distintas mendigarem um lugar do jornalismo commercial, que não tem outra idéa poli-

A Tribuna se compraz em reconhece-lo e proclama-lo bem alto, em face mesmo de nossas instituições, que contém em suas theses fundamentaes a consagração das virtudes e dos talentos, como o primeiro e unico titulo, como a primeira e unica aristocracia possivel em um paiz, que já não pôde aspirar outro ar que não seja o da liberdade.»

N'um subsequente artigo faremos sentir a necessidade de resgatar-se do jornalismo commercial o elemento litterario, que n'elle se acha inconvenientemente representado.

A LINGUAGEM ESCRIPTA.

IV.

Passamos agora ao nosso estudo sobre a origem dos caracteres alphabeticos.

Quando pela primeira vez vemos um objecto, consideram-o em sua totalidade, e observamos a harmonia e a proporção que as partes guardam com o todo em geral. E' depois d'esta operação preparatoria que analysamos separadamente cada uma das ditas partes, e notamos as perfeições e bellezas de detalhe de cada uma d'ellas. Isto é logico; e em tudo procedemos assim. Na lingoagem escripta se consideram primeiramente as palavras, que se representaram pelos caracteres figurativos, symbolicos e ideographicos; foi depois d'isto que se estudaram os seus elementos, e se crearam os caracteres phoneticos, e finalmente os alphabeticos.

Por uma rasão analoga se vê que o primeiro alfabeto não podia representar perfeitamente todas as variações, que soffrem os sons; uma só letra A por exemplo, servia para representar o A aberto, o A fechado, o A breve, e o A longo—á, â, ââ, áá. Só com o tempo, com o longo habito de escrever, e de meditar sobre o valor dos sons, se viria a reconhecer a necessidade de inventar signaes novos, que representassem todas as variações de um mesmo som. Ora, o alfabeto samscrito, que possue cincoenta letras, é assim o mais perfeito dos antigos alfabetos. E na verdade, a composição dos Védas, monumento o mais antigo da litteratura india, data de 3,200 annos, isto é, do tempo em que viveo Moysés. Para que n'essa época o alfabeto samscrito tivesse chegado a um tal grão de perfeição, necessariamente o primeiro alfabeto, de menor numero de letras, tinha sido usado muito tempo antes. A época pois da escriptura hyeroglyphica da India deve perder-se nas origens da sociedade humana, e da povoação da terra. A vetuscidade do alfabeto samscrito, e ainda os nomes das letras, que representam não a origem d'ellas, como no hebraico; mas os seus valores phoneti-

cos, são difficultades que se oppoem ao descobrimento do systema hyeroglyphico, de onde procede o dito alfabeto. Com tudo, segundo já disse no primeiro numero, notam-se algumas analogias entre certas letras do samscrito, e as isophonicas dos alfabetos semiticos, de onde conclui a unidade da origem da Escriptura.

E' pois a analogia o methodo de que nos havemos de servir para achar não um systema commum completo, mas varias partes d'esse systema. A' vista d'isto, consideraremos em primeiro lugar os alfabetos semiticos, conforme haviamos no primeiro numero promettido.

Considerando o alfabeto hebraico se vê que cada letra representa o som inicial de seu nome; assim A vem de aleph, B de beth, G de gmel, etc.

Os egipcios fizeram melhor; seus caracteres provém de hyeroglyphos, que representam vozes monossyllabicas. E' facil de ver que entre os egipcios um mesmo som podia ser representado por uma multidão de caracteres diferentes, á vista do grande numero de monossyllabos, que possesta esta lingoa. Com effeito, só a voz A pode ser representada por mais de vinte signaes diferentes, e do mesmo modo as flexões S, Sch, N, T, etc., etc.

Os hebreos foram menos luxosos; cada flexão era representada por um unico caracter, mas felizmente para a unidade da lingoagem escripta, esse caracter unico dos hebreos tem quasi sempre um igual e isaphonico entre os egipcios.

Não ha em nossa capital uma typographia que possua caracteres orientaes; é necessario fazer gravar o quadro comparativo dos alfabetos e dos hyeroglyphos de onde elles procedem. Empregarei com tudo a descripção, que no presente caso pôde satisfazer a uma perfeita clareza.

A, em hebraico *aleph*, em grego *alpha*. Aleph significa touro, que por Synedoche era representado pela cabeça d'este animal. Na escriptura hieratica este hyeroglypho é reduzido a um triangulo isosceles com a base para a parte superior. O prolongamento dos lados iguaes representa os cónos do animal; e o prolongamento da base para uma e outra banda, representa as orelhas.

Este caracter hieratico, collocado em posições diversas, é o A dos phenicios, dos samaritanos, dos hebreos, e o A maiusculo dos gregos. No alfabeto chaldaico ou quadrado a cabeça do animal é reduzida a uma recta em posição obliqua. O A celtico, gothic, slavão, russo, etc., tem identica origem e forma.

Mas porque rasão foi o touro preferido para representar o som A?

Porque o som A é o mais puro, o mais facil, e ao mesmo tempo o mais forte; elle representa a voz por excellencia. E' por meio da voz que os

homens se comunicão; é por ella que ordenam e mandam os chefes, isto é, os valentes, os fortes. O touro era entre os hebreos o emblema da força, e os seus generaes traziam sobre a cabeça, como insignia de seu posto, o corno dourado de um touro. No hebraico, chaldaico, no arabe, e no egypcio os verbos que significam fallar, pensar, raciocinar, ser superior, ordenar, mandar, etc., tem as mesmas radicaes. A voz por tanto se identifica com o mando, isto é, com o poder, com a força; e pois o touro é a melhor expressão do som Λ, da voz por excellencia.

B, em hebreico *beth*, casa; em grego *beta*. O caracter hyesroglyphico é o plano de um aposento. O B dos chaldéos é o que mais se aproxima do hieroglypho. O B minusculo dos etruscos, dos allemandes, e ambos os Bb russos são abreviações ou copias do B do alphabeto phenicio, samaritano, e hebraico numismatico. O B dos coptas e dos gregos procedem de hyeroglypho diverso, de um homem sentado á egypcia, acocorado; figura que entre os egpcios representava tambem o som B. O B cophto é um perfeito caracter hieratico. Os gregos e os etruscos puzeram a base da figura em posição vertical. Como a flexão B é radical de vozes, que exprimem permanencia, fixidade, estas idéas são expressas tambem pelo plano da casa como pela figura de um homem sentado.

G, em hebreico *gmel*, camelo; o grego *gamma*. O caracter hyeroglyphico representa a parte anterior do corpo do animal. O G samaritano é um perfeito caracter linear; o dos phenicios, e o hebraico numismatico é um caracter hieratico. O G maiusculo dos gregos e coptos é uma imitação, do G hebraico e phenicio; mas o minusculo dos gregos é um arremedo do G samaritano. Como a letra G é radical de vozes que exprimem vão, concavidade, capacidade, e, tropicamente, conter, guardar, carregar, transportar o camelo que é no oriente um animal de carga, foi preferido para exprimir a guttural G.

D, em hebreico *dalet*, porta; o grego *delta*. A letra D dos chaldéos representa metade de uma porta — o limiar e um dos umbráes. O caracter phenicio e o samaritano se aproximam muito do hyeroglypho egypcio, que na escriptura hieratica era um triangulo com um dos lados em posição vertical, e prolongado para ambas as bandas. Os gregos simplificaram ainda mais o hyeroglypho egypcio, reduzindo o seu D a um perfeito triangulo. Os etruscos, que se esforçaram por deixar a forma angular ou cuneiforme, mudaram douis lados do triangulo em uma linha curva. O D slavão, russo, gothic, celtico, e allemandão procede do mesmo caracter.

A extrema facilidade que appresenta a origem das letras dos diversos alphabets para aquelle

que sabe os nomes que lhes davam os hebreos, me dispensa de continuar.

Seria, segundo me parece, uma puerilidade, o demorar-me n'estas indagações de immediata obviedade. Daremos aqui o catalogo dos nomes das ditas letras.

Aleph, *taurus*; beth, *domus*; gmel, *camelus*; dalet, *porta*; he, *clastrum*; vau, *uncus*; zain, *gladius*; heth, *septum*; teth, *serpens*; iod, *manus*; caph, *palma*, lamed, *stimulus boum*; mem, *aqua*; nun, *piscis*; samec, *fulcrum*; ain, *oculus*; pè, *os, oris*; tsade, *hamus*; coph, *ansa*; resh, *caput*; scin, *dens*; tau, *signum crucis*.

Uma ultima observação confirmará ainda a vetuscidade do alphabeto samscrito, relativamente a todos os outros. N'este alphabeto as letras são classificadas, e se enumeram primeiro as vogaes, depois os diphongos, as gutturaes, as palataes, as cerebraes, as dentaes, as labiaes, as liquidas, e as sibilantes. Nos alphabets simiticos não acontece assim, depois da vogal A segue-se a labial explosiva B, depois a gutural G, depois a dental D, a vogal E, etc., etc. A classificação methodica das letras do alphabeto samscrito fornece mais uma prova em favor da sua grande antiguidade, que permittisse fazer conhecer a identidade da accão dos orgãos vocaes na producção das flexões congêneras. Não quero dizer com isto que os hebreos não conhecem a diferença dos orgãos que produzem esta ou aquella letra do alphabeto; mas elles não se apuraram tanto na arte de escrever, a ponto de introduzirem no mesmo alphabeto a classificação dictada pela identidade da accão dos orgãos vocaes na producção das ditas flexões.

Paremos aqui. No proximo numero mostrarei as relações de analogia entre os caracteres samscritos e os correspondentes do alphabeto syriaco zend, arabe, persa, hindostani, etc, e a similitança simultanea d'estes mesmos alphabets com o chaldaico, o phinicio, e o hebraico numismatico, alphabets apparentemente dissimilhantes pela natureza das linhas usadas para figurar as letras; n'aquellas curvas, resumidas, elegantes; n'estes rectilineas, angulares, quadradadas e cunciformes.

F. PEREIRA DUTRA.

AS FOLHAS DE UM ALBUM.

Introdução.

I.

A mais suprema situação da vida do homem é, sem duvida, quando elle contempla o passado, tão cheio de illusões queridas, tão cheio de crenças e de fé: é quando elle devora o presente com horrivel inquietação, e o sente como um abismo ou como um dragão, que lhe traga os dias da

existencia; é, finalmente, quando elle olha aterrado para um futuro, carregado com as trevas caliginosas do scepticismo, e lê n'elle em letras de fogo, as terríveis palavras do Dante — « *lasciate ogni speranza* — »

Se ha agonia humana, que possa comparar-se á que sofreu Christo, filho de Deus, no horto de Getesemani, é sem duvida esta, porque o passado é um cadaver reclinado eternamente no seu tumulo, porque o presente é uma inquietação, que passa como o estalar medonho do raio, na hora tremenda da tempestade; porque em fim o futuro é uma duvida pungente.

Agonisam-se estas horas, especialmente, quando se dobra o cabo tormentoso da vida, isto é, quando se ultrapassa o trigesimo anno da existencia. Desde esta idade em diante é que chega o desfazer das illusões, até das illusões do orgulho como escreve a talentosa penna de um escritor moderno.

A poesia suave e pura da infancia e da puberdade passou; passa tambem o iris das paixões sérvidas, das ambições insaciaveis, da crença na propria energia. Começa então o pardo crepusculo d'este scepticismo, que, semelhante a herpes lentos vai lavrando por todas as nossas opiniões, e affectos e os prosta e subjuga.

Desde essa época a vida tem largas horas de tedio em que o existir é uma carga pesada; porque nos falta um alicerce em que possamos firmar-nos; porque fluctuâmos sobre as nevoas densas do duvidar de tudo.

E' sempre cruel e pungente o revolver agonizado d'estas horas; mas elles recrescem de intencidade e amargura, quando são passadas na terra estrangeira, onde ordinariamente não ha um coração verdadeiramente amigo, que sirva de refugio ás nossas maguas, e que as saiba comprehendendo avaliar e adoçar.

Com efecto não ha situação mais dolorosa na vida do homem, do que quando elle tem de devorar em segredo as suas magoas; e supportar o peso das angustias, sem que lhe seja permitido soltar um queixume, uma palavra de dor ao menos. Condenado a tragar golo a golo, o calix das amarguras intimas da vida, sem que tenha a quem recorrer para apartar de seus labios a esponja do fel e do vinagre: condenado a verter bagas de um suor de sangue, no horto da agonia, sem que uma mão caridosa lhe sustenha a cabeça afogueada de febres: condenado a caminhar pela rua da amargura, sem encontrar um compassivo Sirineu, subir depois á altura do Golgotha, e morrer ahi pregado na sua cruz, sem que a compaixão humana o console nas derradeiras tribulações da vida: esta situação, dizemos, é uma verdadeira Gethesemani, é a dor mais pungente e profunda, que pôde tragar-se n'este vale de amarguradas lagrimas.

Ha dôres que a indifferença insultaria e criminaria se as visse desafogar em pranto; e ha dôres que só pôde comprehende-las o desventurado que as supporta. E essas lagrimas, que não podem correr desembaraçadas pelo rosto, convertem-se então como em gotas de chumbo, que cahem no coração e o espedaçam, assim como as dôres, solapadas e sepultadas no peito, tornam-se n'um fogo lento que anniquila a vida no meio de um acerbo estertor de agonias.

A resignação de Prometheu, quando no Caucazo o abutre lhe espicaça o figado, e devora as entradas, segundo a expressão do Sr. Garret não é tão cruel, nem tão sublime. Os terrores de Jocasta não arripiam tanto as carnes, como o desalento com que n'um presente de attribulada angustia se olha para um futuro, cujos horizontes são de negra desesperação.

Contemple-se o desdito, emigrado no flor da idade, a scismar, lá na sua patria, com um futuro brilhante, com a posse de immensas riquezas; e deslumbrado pela aureola de uma felicidade vindoira, dar um adeus á terra de seu nascimento; trocar um ceo azul, puro e temperado por outro muitas vezes afogueado; trocar as lagrimas sinceras de profunda dor com os parentes e amigos que lá ficam; abandonando-se n'um convéz do navio aos incommodos de uma longa, impertinente e perigosa viagem: contemplemo-lo arrumado no seu camarote, curtindo noites de insomnias, ou encostado á amurada do navio, com o rosto apoiado entre as mãos, e com os olhos cravados, ora n'um ceo sereno, melancolico e de sublime espectaculo, ora confundindo os pensamentos tumultuosos e agitados de sua alma nas vagas revoltas do oceano!... Sondemos, se é possível os abismos de dor que se abrem n'essa alma, quando contempla a patria que lá fica, e os parentes que — quem sabe se os tornará a ver?... — e olha para o seu futuro incerto, vendo muitas vezes apagar-se-lhe a luz da esperança! Contemplemo-lo depois, desembarcado nas praias estrangeiras sem ter um coração amigo, a quem diga *so/ro*, e arrojado ahi para a casa de um patrão caprichoso, dotado de uma vontade forte e energica, cuja alma temperada pelo poder das riquezas, não chega a avaliar as magoas que tumultuam n'uma alma padecedora e afflictia. Vejam-lo ahi com o rosto torvo e carregado, como se fôra já um ancião, não ousar rir nem queixar-se, nem dar um ai; e ter de fechar-se com a sua alma e os seus padecimentos, no circulo estreito de ferro, que lhe traçou o senhor. Vejam-lo supportar os despeitos, as palavras desabridas, as reprehenções, — como nunca ouvira na casa paterna, — e devorar todas essas angustias, enterrando-as no coração, como o tumulo guarda o cadaver que lhe confiaram: e nas horas duras do trabalho, conductar com lagrimas o pão de cada

dia; á noite, encerrado na sua camara mephitica, agonisando crueis saudades e pungentes recordações: e desejar o frio da sua pátria, como se deseja bemaventurança; e almejar pela fatia do mal-amassado pão da pobre casa de seus paes; e em sim a poder de muita perseverança, de muita resignação e paciencia amoldar-se aos costumes de almas severas; mas por sim, não chegando a entrar na sua terra de Canaan, morrer no deserto a morte do proscripto: tudo isto é contemplar um quadro bem cruel: e com tudo elle é uma realidade.

No agitar d'estas angustias vem a recordação apresentar-nos o passado com todos os seus encantos da mocidade. Mas essa época da vida não voltará mais, por que não pôde retroceder uma unica onda do rio impetuoso do tempo, como bem nota o illustre auctor do Eurico. Depois da taça do mel esgotada, resta a do absynto. Que se resigne e espere aquelle que vai devorando os dias da duvida e do desalento. Chegará a hora de renascer para a poesia e para a certeza: será a da morte. A Providencia foi ainda generosa comnosco, consentindo-nos affastar dos labios, a espaços, o calix do fel, e deixando que n'estes momentos, rasguem o nosso longo e tedioso crepusculo alguns raios transitorios de luz. A memoria é o instante de repouso; e a saudade o clarão suave que nos illumina.

Agora, antes de prosseguir, duas palavras sobre o pensamento, que presidiu ao escrever estas folhas.

O amor da patria é, no coração bem formado, a extrema affeição que acompanha o homem até á sepultura. Perdem-se, ou embotam-se mais ou menos todas as outras poderosas affeições, que experimentou a nossa alma: o amor tão intenso da mocidade tornou-se um sentimento commun e placido, o amor da gloria, que nos levou ao campo das batalhas, que nos fez velar altas noites, e empalidecer sobre os livros, por causa da sciencia; a todo esse anear succede uma época em que se torna tudo uma recordação, que se desfaz ao sopro do meditar, como um cadaver desenterrado da antiga Herculano ou Pompea se desfaz ao bafejo do ar; mas o amor pela terra da patria aumenta com mais intensidade, á proporção que d'ella nos affastamos. Tal é, como dissemos, o pensamento que presidio a este livro. Os homens, cuja alma é temperada com a sede grosseira das riquezas não tem nada que lêr aqui; mas aquelles, em cujo peito pulsa um coração bem formado, aquelles, que, mesmo cercados dos comodos da vida, não sabem esquecer as affeições da patria, esses que leiam estas folhas, e verão que muitas das suas frases são o pensamento constante da sua alma. Uma lagrima d'esses leitores seria para o auctor uma victoria litteraria, se elle não escrevèra isto, como uma necessidade para expandir as suas amarguras intimas.

A publicação prematura d'esta serie de FOLHAS DE UM ALBUM é devida ás reiteradas instancias e reclamações, que me faziam muitos leitores dos excerptos que publiquei no jornalismo. Um meu estimavel compatriota, a quem esta leitura parece ter impressionado profundamente, veio ultimamente da distancia de quarenta legoas cumprimentar-me, e pedir-me com as lagrimas nos olhos a publicação d'este livro. Prometti, e cumpro assim a promessa. Noto esta circumstancia, não tanto por me ser prodigalizado este testemunho de consideração por uma pessoa illustrada, e qualificada com um pergaminho academico, mas por ser a expanção de um coração portuguez, que, não obstante se achar ligado ao paiz com os laços poderosos de familia, almeja constantemente pela abençoada terra da patria.

Oxalá que esta serie e as subsequentes FOLHAS DE UM ALBUM possam proporcionar alguma consolação aos que padecem de nostalgia, isto e, aquelles, cuja recordação, cuja saudade, e cuja alma finalmente revoa para a patria, como a bussula para a pedra magnetica.

REVISTA SEMANAL.

AO VOAR DA PENNA.

MEU CARO DIRECTOR. Acceito o vosso genoroso convite para sér um dos obreiros da *Semanal*. Para a consecção e edificação d'un edificio, ou de um monumento carece-se desde a cabeça do architecto, que traçou o plano, até ao braço do servente, que amassa o barro e a argila, e que levanta os andaimes: é n'este intuito que ouso apresentar-me entre os illustrados officiaes que tivestes o bom senso de escolher, e a felicidade de grangear.

E tanto mais prazer tenho em aceitar o vosso convite, quanto elle me proporciona occasião de expandir o sestro de escriptor, com que parece fui fadado; e ao qual me abandono uma ou outra vez, quando a bossa da preguiça, que tenho muito proeminente no meu systema phrenologico, não vem contrastar, modificar ou neutralizar o sobredito sestro.

Uma das mais habeis pennas do nosso jornalismo politico disse ha tempos que o habito, ou a mania de escrever, uma vez contrahidos, éra como a tunica de Nesso, que se pegava á carne e não podia mais despir-se: eu na minha linguagem garrafal exprimo a mesma idéa comparando esse habito, esse sestro, essa mania á terrivel molestia, que se chama morphéa. Uma vez entrada na nossa massa do sangue só a mortalha, ou a terra da sepultura

podem acalmar ou o fogo rescaldante de uma, ou as glandulas protuberosas de outra.

Ainda bem que este meu fadario vou cumpri-lo na vossa folha. Nem vós, nem vossos leitores contem com grandes cousas de mim. No meio da gravidade austera ou brilhante dos vossos conspicuos escriptores, eu sacudirei a minha palheta de guisos: o mundo compoem-se assim: ao pé da gravidade a truanice, ao pé da dor o prazer, ao pé da vida a morte; a vossa folha deve ser o espelho, onde reflecta a vida moral da sociedade; e a nossa sociedade é assim.

Creio que basta de prologo. O que ham de ser os meus artigos o tempo o explicará: o que eu sou já o disse: um rabiscador por molestia, um servente de acarretar areia para o edificio, e quem sabe se para o monumento futuro da *Semana*.

Dou-vos os bons annos, meu caro Director. O anno de 1855 sepultou-se, e não haverá mais voz de Christo, que ressuscite esse Lazaro: o de 1856 está a embalançar-se no berço roseo das esperanças.

Pobre anno o de 1855! Nunca nenhum chorou tanto ao despedir-se! Nem Penelope na partida de Ulysses, nem Thisbé, deparando com o cadaver ensanguentado de Pyramo, se carpiram nem choraram tanto.

E tinha razão. Quando se está de posse de uma bella posição, custa a larga-la. Demais era um anno divertido; festas, exposições industriaes, emprestimos publicos, grandes allianças, numerosos tractados e tractadas, visitas de reis, rainhas e imperadores, memorandos e ultimatos, concilios e conferencias, insurreições e fusilamentos, guerras e batalhas, assaltos e victorias, e destruição e fame e peste e mortes, tudo isso, não é já espectaculo que se despreze.

E quanto a nós, mais chegadamente, estradas de ferro, companhias de todo o genero e para tudo, largos emprestimos, fiascos no Rio da Prata, e o Paraguay divertindo-se á nossa custa, como o seu embaixador se divertiu á custa de boa fé do Sr. Mery, grandes reformas politicas, muitos programas e relatorios, contradansa pela imprensa, quadrilhas de jornalistas, brigas com o correio, cholera morbus em abundancia, beneficios de caridade, roubos, prisões, theatro lyrico, cantoras de cartello, ovacões e partidos, emfim, tudo quanto pôde tornar a existencia agradavel e fazer d'este baixo mundo um eden de gozes, um paroizo de delicias, um serralho de prazeres e distrações.

Os annos são uma especie de amphisbênas que caminham com a cabeça e cauda. Os acontecimentos se succedem rapidos como os relampagos; e o chronista vê-se em serios apuros para poder tomar e dar contas do que se passou.

Seja como fôr, porem, o anno de 1855 já cahiu no dominio da historia, passou para a galeria do passado, estatua de fumo a encorporar-se ás suas companheiras.

O de 1856 já surgiu já nasceu. E o que escreveremos nós n'esse claro que ficou entre a separação que os dividiu?

Entre o berço de um e o tumulo de outro apenas podemos assentar um ponto de interrogação, que aqui para nós é muito baixinho, é uma cruz que bem se podia plantar na sepultura de muita gente nossa conhecida.

Entre uma creança que nasce e um homem que morre apenas podemos escrever, como despedida de um e saudação de outro, esta palavra vaga mas que exprime perfeitamente a ideia — incerteza.—

Mas todas estas considerações são de annos, e não uma REVISTA SEMANAL escrita *ao voar da pena*, como eu prometti no frontespicio d'este artigo: e assim... ao nosso posto. — As ultimas horas do anno testemunharam um triumpho, ou pelo menos, um facto de muito alcance para a arte. Na capella imperial cantou-se um *Te-Dcum* em acção de graças, composto pelos discípulos do conservatorio de muzica. Ali revelaram-se maestros imberbes para quem se abre um futuro de gloria e brillantes successos, ali reconheceu o homem pensador, que d'aqui a dez annos não teremos mais precisão de importar professores: o fogo sagrado da arte está n'uma magnifica incubação, o impulso está dado, o *sicut* do genio está pronunciado.

Na parte cantante, a travez das manifestas impressões da muzica favorita do reportorio lyrico, apareceu uma ou outra vez alguma cousa de original, especialmente no primeiro, e no penultimo ramo do hymno sagrado: a instrumentação esteve primorosa, e foi ali, especialmente, que ficamos surprehendidos, por ver como o talento temporão de moços comprehendia e combinava as diferentes harmonias dos instrumentos para as resumirem numa só, e magnifica, harmonia.

Os Srs. Francisco Manoel da Silva, Geanini, e Dionisio Vega deveriam n'essa occasião sentir bem agradaveis impressões por ver assim aproveitados

os filhos da sua intelligencia, e fructos de seus incansaveis esforços.

— Tivemos a resurreição da *Sonambula* com a Sra. Charton, e um tenor novo, que inesperadamente nos cahiu das nuvens. Tanta bulha com o Mazoleni, tanto dinheiro com o Dufrene, e por fim de contas temos um tenor melhor que os sobreditos cujos. Voz sã, notas perceptiveis, alguma comprehensão da parte dramatica, mas tudo isto sem o fogo sagrado, sem o entusiasmo da arte, eis a primeira impressão que nos produziu o Sr. João Comelli. Cremos com tudo desde já que foi uma boa aquisição para o nosso quadro artistico, que tanto carecia de um tenor, depois do naufrágio do Mazoleni, da negação artistica do Sr. Dufrene, e do campo onde foi Troia do Sr. Gentili.

Com a *Norma* tivemos a reaparição tão desejada da Sra. La-Grua. Ou fosse prevenção ou realidade parece-nos alterada a sua voz, a ponto de descahir sensivelmente. No primeiro acto desconhecemos a artista cheia de entusiasmo, e de fascinadoras irregularidades artisticas: do meio do segundo acto em diante, e em todo o terceiro, reconquistou a favoravel e apaixonada opinião, de que gosa; mas reconhecia-se fatigada.

Todas as horas, todas as ovações d'esta noite pertenceram exclusivamente à Sra. La-Grua. Com efeito o canto vibrante e apaixonado da distinta cantora as suas posições academicas, talvez exageradas, mas sempre de muito efeito scenico, atrahem-lhe geraes e merecidos aplausos, e muitos ramalhetes de flores.

Mas, meu caro Director, se sois lagruista, como supponho, peço-vos e ás vossas leitoras e leitores lagruistas, que façam o signal da cruz, que ponham o coração em Deos; porque eu vou blasfemar, vou tocar com mão profana no *sancta sanctorum* da arte: *gelidus horror!*

Sabeis que a *Norma* foi a nossa educação artistica; e que as primeiras impressões são indeleveis: o que deram as faxas da infancia tira-o a mortalha na ultima agonia da vida

* E' por isso, que muitos, vendo uma nova *Norma*, e reconhecendo o merecimento artistico do seu desempenho, ainda tiveram saudades do passado: é a moça namorada, e vestida de sedas, tendo saudade das suas bonecas e das suas calças de morim da infancia.

Mas não foi só esta impressão que me obriga a blasfemar. Creio que a *NORMA*, por ser comprehen-

dida de mais, não foi justamente comprehendida. Creio mais que os recursos immensos e poderosos da voz da Sra. La-Grua não são adaptados ao sistema de canto de Bellini. Entre o regato que se desliza pela veiga florida, e a catadupa que se despenha de agreste serrania vale ~~uma~~ ^{uma} notavel diferença. A Sra. La-Grua é a catadupa que se despenha com magestoso efeito, a Sra. Candiani era o arroio preguiçoso e murmurante, que se deslisava na veiga. A Sra. La-Grua é a lua, cheia de fulgor, a debater-se no meio das nuvens negras de tempestade e no estellar horrisono dos raios, a Sra. Candiani é a lua de uma noite serena a surgir das ondas do Adriatico, e a ascender n'um céo azul e encamado de estrellas prateadas: n'uma palavra a Sra. La-Grua é Byron ou Schakspeare, a Sra. Candiani era Lamartine ou Delavigne.

Vejamos agora qual das duas artistas convinha mais ao genaro da musica de Bellini. E eis aqui, Director, a minha maior blasfemia, mas relevai-a, porque é sincera: é uma verdade de protesto a uma realeza, que surge magestosa, e ao arruido das palmas, e na frangancia das flores e ao peso das cordas, é uma homenagem de saudade a uma recordação, que também já foi realeza; e que não pôde dar ao folhetinista, nem um olhar de agradecimento, nem uma flor das suas cordas, porque já não as tem: *sic transit gloria mundi*.

A *Norma*, como vos ia dizendo, é uma grande concepção dramatica de Romani, uma inspiração de Bellini. No drama ha a lucta da religião com o amor: o amor triumpha com as suas fataes consequencias. Na musica ha uma d'essas inspirações, que só se escreve uma vez na vida, e cujas harmonias se repetem eternamente. Como o canto gregoriano ainda hoje se repete, na sublime poesia de David, sempre se hade repetir a partitura de Bellini na poesia sublime de Romani. A mulher, que é protagonista do drama, não foi bem comprehendida pela Sra. La-Grua; e pedimos-lhes venia, porque é artista que merece todas as differencias.

A *Norma* não é a D. Sol de Ernani, não é a Sapho de Paccini, não é a Lucrecia Borgia, nem a Gema de Vergy de Donizeti, não é a mulher de impetuosas paixões; é a sacerdotiza infeliz, cuja oração á *casta Diva* é uma harmonia repassada da unção do amor. O seu ciume não é como o da Parisina, como o da Medéa de Eurípedes, é o ciume especia de Heloisa, essa conformidade religiosa, que lucta entre a vingança e o dever de perdoar. As explosões da mulher trahida contra o homem traidor

não são, n'este drama, o resultado d'essas paixões freneticas accesas pelo sangue, são a dôr pungida do coração, exprimida não em gritos estridentes, mas em gemidos sem esperanças.

Comprenderia a Srna. La-Grua o pensamento dramatico da Norma, debaixo do mesmo ponto de vista?

Creamos que não.

A execução artistica do canto não nos pareceo apropriada. Sou profano na divina arte da musica, mas se me é lícito expressar um sentimento de amador e curioso, a voz da Srna. La-Grua ressente-se de uma certa monotonia. Entre Desdameda e a Norma ha só a diferença do vestido para a tunica.

Eis aqui, meu caro Director, qual a minha isolada e pessoal opinião ácerca da Srna. La-Grua.

Devia agora dizer-vos alguma cousa á cerca de *Romeo e Julieta*, mas ficará para a minha proxima missiva. Por hoje basta de lyrico, e voemos um pouco ao theatro dramatico.

Depois do que escrevi á cerca do *Camões* do Sr. Castilho nenhum facto notavel se tem dado no theatro de São Pedro: o drama não deu as enchentes que se esperava, e hoje pode já dizer-se aposentado na galeria do reportorio. O que está para entrar no quadro da effectividade é a *Casa Maldita* do Sr. Burgain, um dos escritores mais felizes e popular. Informam-me que o Sr. João Caetano vai crear n'este drama uma nova personagem, um usurario, não sordido como os de comedia, nem calculista como o dos *Homens de Marmore*, mas um maniaco, um febricitante pelo fulgor do dinheiro a não poder ser mais.

Tambem sei que o Sr. João Caetano vai passar uma revista em ordem de marcha a quasi todo o seu reportorio. Assim teremos o *Pobre Idiota*, a *Dama de São Tropez*, *Catharina Howard* e todos esses brilhantes que o distinto artista tem engastado na sua coroa de glorias.

O Gymnasio Dramatico deu ultimamente a *Irmã do Cego*, em que, me dizem, o Sr. Amoedo exibe provas do seu merito artistico. Se eu fôra corpo sancto, que pudesse estar em toda a parte, dir-vos-hia a minha opinião pessoal a este respeito: talvez o faça brevemente.

— De tudo quanto li esta semana nada tanto me impressionou como a *Caverna Acustica*. Não é Diogenes, mas Seneca, não é Socrates na Academia, mas Cicero no rostro fulminando os abusos do tempo. O auctor pede que o leiam duas

vezes eu quizera que o decorassem, porque na sua caverna acustica existe a verdade e a philosophia como existia na sepultura da estrada a alma do tal licenciado, de que fallava Le Sage no seu famoso *Gil Braz*. Como, ha tempos o Z prestou serviços á policia administrativa da cidade, a *Caverna Acustica* está hoje prestando serviços á moral, porque traça com mão de mestre o vulto disforme da corrupção, e, sem o carregar de cores, aponta-o á multidão em toda a sua hidiondez.

— Acabam de contar-me que uma commissão de peritos opinara que pelo carnaval se desse um ou mais bailes de mascaras no caquetico theatro lyrico, n'esse monumento á dezoza da interinidade, n'essa asneira de cal e tijolo. Não serei eu quem lá vá. A falta do lustre é um mysterio que não posso penetrar, e o parecer do Sr. Porto-Alegre tem para mim uma tal ascendencia, que pelo seguro, não cahirei na arriosca de expor-me ás consequencias de ir dançar n'uma tenda de viagem, armada sobre um terreno balofa, e já aleijado de um lado.

Não faltará onde se dance. Ouve dizer que no theatro de São Pedro, que é de pedra e cal, e não tem tido juntas de sanitade, se derão um ou dois bailes de espavento, e para quem quiser consagrarse á dezoza Folia alli tem lugar seguro, e que não precisa de convite escripto ou fallado, mas simplesmente sonante.

Por esta semana basta de truanices na *Semana*. Perdoai o desalinho d'esta carta: se ella vos não convier sacrificai-a nas aras de deus Vulcano.

A. S

PARTE NOTICIOSA.

FABRICA-ORIUNDA.

A fabrica de papel do Sr. Dr. Capanema está no mais prospero andamento. Vimos d'ella amostras de papel de impressão, de escripta, de cores, e papelão da melhor qualidade. O illustre proprietario, além das maquinas novas expostas no Palacio de crystal, manda agora uma para tirar filamentos de todas as materias proprias á consecção do papel, no que ganhará muito aquelle estabelecimento, pois que as experiencias do Sr. Dr. Capanema ha, além das materias primas conhecidas na Europa e ja largamente ensaiadas, mais nove de primeira ordem; e inteiramente desconhecidas no velho mundo.

A vista do progresso e esmero com que vai aquella fabrica, esperamos que o jornalismo da corte será aliviado no anno de 1856 dos sustos e dependencia porque passa muitas vezes, mormente quando se demoram os navios, que trazem papel da Europa.

O Sr. Dr Capanema, para mais se aperfeiçoar no fabrico do papel, obteve de Mr. Planche, director das fabricas da casa Didot Frères, o dirigir em pessoa uma das melhores das suas fabricas durante o espaço de um mez. Com tal constancia e bom desejo, cremos que não poderá haver medo de um mau resultado na fabrica de Orianda.

REVISTA DOS JORNAES.

Durante a semana o jornalismo diario tomou uma feição litteraria, especialmente nos artigos de introdução ao novo anno, em que todos primaram.

DIARIO DO RIO DE JANEIRO. O artigo sobre a arborisação e aproveitamento do campo de Santa Anna merece ser lido e meditado. Importa a sua doutrina medidas de muito alcance não só para a boa polícia, e beleza da cidade, como para a saude publica. Oxalá não seja elle uma voz clamando no deserto, como tantas vezes sucede. Os artigos Anno bom, e instrução primaria tornam-se dignos de recommendação. O artigo do Sr. Zaluar sobre bibliographia, considerando as obras do Sr. Manoel Antonio Alvares d'Azevedo, esse Byron de vinte annos, que a morte nos roubou é digno do precedente. Além de uma preleccão litteraria, é uma coroa resacente de glorias, que um distinto poeta lança sobre a pedra sepulchral de um grande poeta, ceifado na flor dos annos.

JORNAL DO COMMERÇIO. Os seus artigos de introdução ao novo anno são de um merito transcendente. Num relancear de olhos e com uma feliz prespicacia apresentou-nos o quadro immenso da actualidade. E' muito curiosa a exposição do Sr. Bellegarde sobre as dadivas feitas ao museu nacional. O que sobre tudo causou uma profunda impressão foi o artigo *Caverna Acustica*. Depois de mui profundos rasgos de espirito falla assim a respeito do dinheiro.

« Ha uma entidade cujo nome ninguem quer pronunciar !

— Será vexame, repugnancia, ou veneração ?...

— Esse nome exprime uma idéa complexa, ampla, multiforme, vasta, subjugadora, imponente.... e dominadora !....

- Esse nome é o de um *idolo*.
- Os atributos d'esse *idolo* são:
- Convencer os incredulos.
- Soltar presos, e.... prender soltos.
- Fazer justa a justiça, justa a injustiça; ou injusta a justiça, e justa a injustiça.
- Dar espirito aos tolos, belleza aos feios, honra aos deshonrados, nobreza aos rafeiros.
- Dar luz aos peiores cegos, que são aquelles que não querem ver.
- Restituir o orgão da audição aos peiores surdos, que são tambem aquelles que não querem ouvir.
- Transformar em chuva de ouro, em aguia e em touro, os Joves que querem penetrar as torres e que procuram as Europas e as Ios.
- Dar fulgor ao que é opaco e entenebrecer o que é luminoso.
- Abrir os braços aos inimigos e cerrá-los aos amigos.
- Desparentar os parentes e fazer parentes os adherentes.
- Envenenar o leite e purificar o arsenico.
- Negar luz ao meio dia e concedê-la á meia noite.
- Obrigar o azcete a nadar em baixo d'agua.
- Adormecer os argos e acordar os desfuntos.
- Dar a Cesaro que é de Deos e a Deos o que é de Cesár.
- D'esse *idolo* diz Bacon que — é bom escravo e pessimo senhor.
- D'esse *idolo* diz Boileau :
- Que a virtude sem elle é traste inutil.
- Na pratica, na vida usual, no attrito dos negocios ha todos os desvios para não dizer-se o nome do *idolo* !

CORREIO MERCANTIL. Os artigos o Brasil, a America e a Europa em 1855 são de reconhecido merito e dignos de especial leitura.

NOTICIAS DIVERSAS.

Biblioteca publica nos Estados Unidos.

Segundo o ultimo recenseamento feito nos Estados Unidos, existiam alli mil duzentas e dezesete bibliotecas, contendo um milhão quatrocentos e quarenta e seis mil e quinze volumes.

Este numero, ainda que já mui avultado, tem publicado durante o anno decorrido depois d'aquelle recensamento.

O amor dos velhos.

Conta um jornal frances que um certo João

S., vítima da perfidia de uma mulher a quem dedicava um extremoso amor, embora fosse um cupidinho de 60 janeiros, não podendo resistir à infidelidade da ingrata, resolvera pôr termo á existencia; para isto fechou-se no seu quarto, e accendeu dois fogareiros.

Todavia, quando sentiu que a asphyxia se aproximava, reconsiderou e fugiu-lhe o amor, esqueceu-se da ingrata e quiz volver á vida; mas a asphyxia já tinha feito taes progressos que indo a levantar-se não pôde suster-se e caiu sobre um dos fogareiros que estava mais proximo da cama. O fogo comunicou-se á camisa, e um vizinho vendo da sua janella as chamas, chamou por socorro. Arrombaram a porta, trataram logo de valer ao infeliz cupido de cabellos brancos, mas já foi tarde; ainda o transportaram para o hospital.

O apego á vida, aos 60 annos, é mais forte que o amor.

A honra militar.

Um jornal frances, refere a seguinte historia, de certo interessante:

«Victor Tertulat tendo tomado uma parte indirecta nos tumultos de junho, fornecendo viveres aos revoltosos, foi condenado a trabalhos forçados por toda a vida. Depois de ter estado dois mezes nas galés de Brest, foi-lhe commutada a pena em prisão perpetua: da prisão do monte de S. Miguel, onde esteve cinco annos, foi transferido para Belle-Isle, prisão na qual se achava ultimamente.

Tertulat tinha um filho no exercito da Criméa, era sargento de infantaria; por occasião da tomada de Sebastopol portou-se com tanta bravura que foi proposto para ser condecorado; porém o valente sargento declarou que não aceitava a condecoração porque não era digno de a usar; porque o seu nome era o de um desgraçado que gemia debaixo do peso de uma sentença infamante.

Insistindo com elle, para que acceptasse a recompensa devida do seu valor, disse que, se por ventura desejavam absolutamente recompensar os seus serviços, nenhuma outra recompensa havia que pudesse ser-lhe mais grata, do que o perdão de seu pae. O coronel abalado por esta prova de dedicação e de piedade filial, informou do caso uma das suas parentas, dama de honor da imperatriz, a qual o comunicou ao imperador. No mesmo dia em que elle o soube se passaram as ordens para ser posto em liberdade o velho Tertullat, e o

decreto conferindo a medalha de honra ao valente soldado e bom filho, tão digno de ser condecorado.

Impulso á arte dramatica.

O governo piemontez abriu este anno, como já fez outras vezes, um concurso dramatico. Estão destinados trez premios de 1:400, 1:000 e 600 francos para as trez melhores produções representadas com bom exito no theatro regio de Turim.

Moscas e mosquinhos.

De Bilbau escrevem ao *Leão Hespanhol*, que nas fraldas da serra d'Ordunha fora vista passar uma immensa nuvem de moscas, que marchavam de oriente a poente, e de tal forma era espessa que encobria o sol deixando em trevas o espaço que ocupava. Apanharam-se algumas, e viu-se que eram de especie desconhecida, parecendo formigas com azas redondas, e tendo uma pequena cauda na qual seguravam uma mosca pequenina, que é natural seja filha. A coincidencia de ter por esta occasião desapparecido o cholera d'aquelles sitios, deu logar a que os povos acreditassesem que similhante mosquedo era a causa da terrivel enfermidade. Nós não o pensamos assim, porque ella tem andado por ahí e ainda não vimos essa abundancia de moscas.

O enxofre.

Um engenheiro de minas na Europa escreveu a um seu amigo dizendo-lhe que para escapar do cholera queimasse de quando em quando pequenas porções de flor de enxofre, de modo que o cheiro d'esta fumigaçao se conservasse durante o dia em casa. Segundo diz o mesmo engenheiro foi d'este modo que se evitou o desenvolvimento da epidemia na povoação em que elle se achava. Por ultimo affiança que o cheiro do enxofre em combustão, posto o paretá, não é prejudicial, e acrescenta que em nenhuma fabrica, onde se faça uso do enxofre tem apparecido casos do cholera.

Congelação do mar negro

Desde o anno de 401 até hoje este mar tem gelado 18 vezes, sendo as duas ultimas em 1823, e 1849.